

382

**NINGUÉM SE ORGULHA DO QUE NÃO CONHECE, NINGUÉM PROTEGE O QUE NÃO É SEU.** *Soraia Sales Dornelles, Adriana Schmidt Dias (orient.) (UFRGS).*

O objetivo deste trabalho consiste em rever as diversas formas de identificação ou rejeição das raízes indígenas por parte da sociedade brasileira, bem como da arqueologia como formadora do elo entre o patrimônio e a identidade cultural na sociedade atual, e da sua projeção científica na educação. Buscando apontar por que mesmo sendo a arqueologia permeável por grupos distintos (como o governo, ou grupos interessados em reafirmar identidades étnicas passadas) e, sendo o patrimônio arqueológico parte de um contexto de valores contemporâneos, ela ficou a margem na construção da identidade nacional, diferentemente da arqueologia social latino americana (caso do México e Peru). A negação desta relação direta com os povos indígenas, de senso comum e reprodução no ensino formal, pode ser percebida em uma revisão historiográfica sobre a questão indígena entre os séculos XVI e XX. Estas ópticas ocidentais, alheias a origens indígenas e sua diversidade cultural, onde em 500 anos de história de disputas por mão-de-obra e expropriação de terras contribuíram para apagar a memória e mascarar os conflitos no Brasil, principalmente no tocante à demarcação das terras. Para exemplificar o estudo proposto, valho-me do caso Kaingang no Rio Grande do Sul para o século XIX.